O traidor como acumulador de queixas

Bradford Westerfieds, especialista em espionagem, destaca que o traidor potencial pode ser definido por três características: « imaturidade, sociopatia e narcisismo »[28].

« Assim como uma estrela negra ou um buraco negro, ele absorve absolutamente tudo, mas não deixa escapar luz alguma, amor, calor ou compreensão », enfatiza Westerfields[29].

O autor acrescenta que, em sua necessidade de preservar sua « virgindade afetiva » e evitar « seus erros, responsabilidade e culpa », « o traidor os projeta sobre os outros ou sobre circunstâncias externas »[30]. Seja qual for a « verdadeira fonte de suas dificuldades », o traidor não a percebe em suas próprias ações. Assim, ele pode preservar « a visão grandiosa que tem de seu eu íntimo », continua Westerfields[31].

A estrutura mental do traidor foi descrita como uma « esquizofrenia controlada »[32]. Um pouco como o padre pederasta que celebra a missa e, assim que retorna à sacristia, sodomiza um menor, o traidor eficaz precisa compartimentalizar sua vida para manter sua saúde mental e controle, assim como para escapar da detecção. Ele deve cultivar a arte da duplicidade e da dissimulação. Precisa aprender a desempenhar diferentes papéis e a remodelar constantemente sua *persona*. Também deve ter uma grande força de vontade para lidar com as inevitáveis tensões de sua vida dupla ou tripla. Sem essas habilidades, é praticamente certo que sofrerá um colapso mental ou emocional[33].

Em relação ao traidor, Westerfields salienta: « a raiva é uma motivação poderosa ». O traidor é um « acumulador » de injustiças e ressentimentos, reais ou imaginários[34]. Quando isso se alia a uma ideologia como o comunismo, que se alimenta do ódio, a combinação resultante pode ser mortal. Citando um historiador britânico, Westerfields estima que « um homem nunca é tão perigoso quanto quando consegue identificar uma queixa privada a uma questão de princípio »[35].

Esse fator singular — o ódio — explica em parte por que dois grupos minoritários, os judeus e os homossexuais, desempenharam um papel tão importante em vários casos de espionagem que eclodiram nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha após a Revolução Bolchevique de 1917. Lênin, e depois Stálin, souberam explorar a vulnerabilidade dos judeus e dos homossexuais para promover sua ditadura.

Os judeus bolcheviques, alienados tanto de seu patrimônio religioso quanto da sociedade ortodoxa czarista, tiveram um papel proeminente na Revolução Bolchevique, no Partido Comunista, no alto comando do Exército Vermelho e na Tcheka soviética, a polícia secreta do regime comunista e principal braço armado do terror vermelho.

Segundo Zvi Y. Gitelman, autor de *Jewish Nationality and Soviet Politics – the Jewish Section of the CPSU, 1917-1930*, « Como a maioria dos judeus não era devotada ao czar, não se podia esperar que apoiassem os brancos »[36]. Além disso, havia a questão do poder. « Do ponto de vista judaico, havia certamente o engano do poder material imediato, que atraía muitos jovens judeus ansiosos para vingar os crimes cometidos contra seu povo pelas forças antissoviéticas de todo tipo », escreve Gitelman[37].

Para ele, « quaisquer que tenham sido as razões, os judeus estavam fortemente representados na polícia política. “Se alguém caísse em suas mãos, tinha todas as chances de ser executado”, prossegue ele[38]. “Como a Tcheka era o órgão mais odiado e temido do governo bolchevique, os sentimentos antissemitas aumentaram em proporção direta ao terror que ela exercia” », continua o autor[39]. Ele também observa que Lênin apreciava o papel desempenhado por judeus na administração soviética, assim como nas atividades revolucionárias realizadas não apenas na Rússia, mas também em outros países[40].

Nos Estados Unidos, durante as décadas seguintes à Revolução de 1917, os historiadores investigativos Ronald Radosh e Joyce Milton, autores de *The Rosenberg File – A Search for the Truth*, escreveram que muitos intelectuais e cientistas judeus caíram nas garras da espionagem por sua admiração pela experiência social soviética, que havia transformado o « antissemitismo » em um crime contra o Estado[41]. Radosh e Milton falam de Julius e Ethel Rosenberg — condenados por espionagem — como sendo « ideólogos convictos », e Ethel Rosenberg, em particular, como sendo imbuída de « ódio ardente » e de « espírito de vingança »[42].

Assim como os judeus bolcheviques, os líderes do « Homintern » na Europa e nos Estados Unidos estavam imbuídos do mesmo zelo revolucionário em busca de uma Nova Ordem utópica que não sujeitaria mais os homossexuais à discriminação. Ambos os grupos adotaram o punho cerrado como emblema de « libertação », com a diferença de que, ao brandir o punho, os comunistas o usam para simbolizar sua luta, enquanto os membros do Homintern o inserem no reto para simbolizar sua rebelião[43]. O Komintern e o Homintern também compartilham o ódio a Deus, ao cristianismo e, de fato, a qualquer poder legítimo. Assim como seus homólogos judeus, os homossexuais comunistas estavam dispostos a correr riscos, porque acreditavam não ter nada a perder.

A traição é um ato desviante[44]. A sodomia também. Historicamente, sempre houve uma associação entre a desviação sexual, por um lado, a heresia e a traição, por outro[45]. E se é verdade que nem todos os homossexuais são traidores ou socialistas extremistas, o traidor e o homossexual apresentam características comuns.

O homossexual possui uma personalidade que se alinha perfeitamente à do traidor definida por Westerfields: ele é imaturo, neurótico e narcisista. O homossexual ativo é um sedutor consumado, um recrutador natural e um prosélito da « causa ». É um predador capaz de avaliar a vulnerabilidade de sua presa. Está condicionado a agir com duplicidade e a ter lealdade variável. Ele leva uma vida compartimentalizada que o coloca em contato com o mundo clandestino da delinquência, onde imperam a dependência química, a pornografia e a prostituição, e onde ele está exposto à chantagem e à violência. O homossexual é um coletor de « injustiças », e o marxismo lhe apresenta « o apelo de um santuário secreto de rebelião individual »[46]. Mais do que a

ameaça de chantagem, é o desejo de revidar contra uma sociedade que o rejeitou que atrai o homossexual para as garras da espionagem inimiga[47]. O homossexual se considera um « estrangeiro » que, como o espião, gostaria de vir do frio, mas pensa que não pode.

O psicólogo holandês Gerard J.M. van den Aardweg, Ph.D., resume da seguinte maneira a propensão do homossexual à subversão: « O espírito subversivo não é raro entre os homossexuais, pois corresponde a uma hostilidade gerada pelo complexo de não pertencimento. É por isso que homossexuais declarados podem não ser confiáveis em nenhum grupo ou organização »[48]. Eles aspiram a um mundo utópico e irreal, destaca van den Aardweg. Um mundo « superior », esnobe e mais « chique », cheio de « emoção e aventura », em oposição ao « mundo comum », acrescenta ele[49].

Revision #2
Created 18 December 2024 21:56:39 by Admin
Updated 19 December 2024 23:13:42 by Admin